



## Homenagem

---

# JACÓ GUINSBURG

**Miriam Rinaldi**

### **Miriam Rinaldi**

Atriz, professora e pesquisadora, continua sua pesquisa em *Viewpoints*, tema de seu doutorado. Atualmente trabalha como supervisora de Artes Cênicas do Serviço Social da Indústria (Sesi-SP).

O nome de Jacó Guinsburg há muito pertence à história do mercado editorial brasileiro, o que se justifica pela extensa e insubstituível produção da Editora Perspectiva, mas, sobretudo, à história das artes da cena, devido à sua incontável colaboração ao pensamento estético e crítico, da teoria e da prática teatral, no Brasil. A envergadura de sua atuação é tão ampla, que passaram por ele as mais importantes figuras do cenário cultural entre artistas e pesquisadores espalhados nas principais entidades, faculdades e palcos de nosso tempo. Ao longo dos 27 anos em que lecionou na Universidade de São Paulo e mais outros tantos em que, mesmo depois de aposentado, se dedicou à orientação de pesquisa, guiou pessoas como: José Possi Neto, Cacá Rosset, Luiz Roberto Galizia, Sílvia Fernandes, Silvana Garcia, Ingrid Dormien Koudela, João Roberto de Faria, Rosângela Patriota, Sandra Chacra, Beth Lopes, Gabriel Vilela, Antônio Araújo, Cibele Forjaz, Maria Thais, Sérgio de Carvalho, William Pereira, Lúcia Romano, Sérgio Salvia Coelho, Márcio Marciano, Matteo Bonfitto, Johana Albuquerque, Abílio Tavares, Bosco Brasil, Sônia Azevedo, Isa Kopelman, Armando Sérgio Silva, Renato Cohen... só para citar alguns. O professor Jacó Guinsburg é uma referência ímpar: um farol.

Sua renomada teoria da tríade essencial do teatro, texto/ator/público, a construção do conceito de teatralidade, a compreensão do ator como criador do teatro em ato (figura por vezes preterida nas discussões em que o autor e o diretor tomavam o centro nos idos anos de 1980 e 1990), seu incansável interesse pelo teatro russo, poesia ídiche e cultura judaica são apenas alguns pontos do vasto conjunto de seu saber enciclopédico.

Mas sobre sua volumosa e rica produção, haverá espaços mais adequados. Falo, aqui, de um ponto de vista mais particular, da convivência como aluna. Cursei a Escola de Arte Dramática entre 1984 e 1987, quando Jacó não era mais professor dessa escola. Mas sua fama e minha curiosidade me levaram a frequentar dois de seus cursos: Expressionismo e Estética, no atual Departamento de Artes Cênicas da Escola de Comunicações e Artes da USP. Fui também sua última orientanda e, apesar de não haver nenhum mérito de minha parte nisso, há com certeza algo sobre a vitalidade intelectual em um contexto em que a exclusão profissional por idade ronda os sessenta anos. Insisti e esperei, por mais de um ano, por sua orientação que aconteceu entre 2013 a 2016. De início, tentou dissuadir-me, alegando que estava distante do

ambiente acadêmico, do convívio com o corpo docente e, por não conseguir acompanhar os espetáculos em cartaz, alheio às recentes críticas em torno da cena teatral paulistana. Mas, por motivos não muitos claros a mim (não me atrevi a perguntar), me aceitou como orientanda e também aos *Viewpoints*, tema de minha pesquisa. Em nossos encontros, sempre era generoso, fosse na escuta ou nos apontamentos. Não houve nenhum que não saísse com tarefas e ideias.

O professor Jacó pertence a uma geração de intelectuais incomuns, boa parte, estrangeiros que foram trazidos pelo assombro da Guerra. Anatol Rosenfeld, Boris Schnaiderman, colegas em muitos trabalhos, mas também excepcionais pensadores brasileiros como Carlos Ortiz, Augusto e Haroldo de Campos, Décio de Almeida Prado e Sábato Magaldi faziam parte de seu círculo mais próximo. Alguns deles, colegas dos “encontros às segundas-feiras,” que por mais de quinze anos aconteceram em sua casa, e também da parceira, a física e matemática Gita Guinsburg. Uma geração forte, construída de resistências, pois atravessou guerras, recessões, ditadura, censura, golpe e que sabia discutir, expor um pensamento contrário, no melhor exercício democrático.

Autodidata (abandonou o estudo formal no ginásio), seguiu com paixão e devida rebeldia por caminhos não convencionais. Como declarou uma vez, detestava as instituições escolares. Talvez exatamente por essa razão tenha sido tão destacada sua atuação como professor, criando novas maneiras de encontro. Suas aulas não eram em salas com cadeiras universitárias, mas em seu gabinete no CAC, onde nos apinhávamos como podíamos para ouvi-lo e, por vezes, titubear alguma frase às suas provocativas perguntas. Outras vezes, a aula era na sala de reuniões com todos em torno de uma única mesa, como estranhos cavaleiros de uma tábua retangular. Também com seus orientandos, reunia-os em um único encontro para trocarem entre si assuntos transversais a todos.

Tinha um jeito austero que desenhava com risco claro a linha flexível e dinâmica de seu pensamento. Escolhia com cuidado as palavras enquanto retesava o arco do raciocínio para atingir em cheio seu alvo: o interlocutor. Ficávamos assim grudados às suas ideias, como a maçã sobre nossas cabeças, enquanto mastigávamos e ruminávamos massas monstruosas de saber. Apesar do tom ríspido, não eram raros os trocadilhos e brincadeiras

de linguagem. Tinha espírito esportivo. Senhor de um senso de humor único, tipicamente judaico, gostava do jogo de palavras (que inclusive serve de título para o livro de poesias de sua autoria editado em 2018 pela Ateliê Editorial) e não economizava em ironia e autocrítica.

Em 2016, ao final das arguições na ocasião de minha defesa, já aos 95 anos, discorreu sobre o tema Improvisação por mais de trinta minutos em uma exemplar aula pública. Reclamava com pesar da dificuldade de leitura e da limitação que isso lhe causava, mas ainda batia um bolão, craque das imagens linguísticas no campo da oratória e da didática. O casaco preto da marca esportiva The North Face, que usou na ocasião de minha defesa, contrastava de maneira divertida à sua figura severa, ao corpo envelhecido, mas confirmava seu atletismo no terreno intelectual e combinava perfeitamente à jovialidade de seu pensamento.

Seu radar estava sempre ligado às inovações, não aos modismos ou tendências sazonais, mas para o inventivo e o transgressor; talvez porque entendesse a natureza do radicalismo, quando em 1935, com apenas quinze anos de idade, participou dos movimentos de esquerda, em especial do Partido Comunista e da Aliança Nacional Libertadora – primeira aliança de esquerda no Brasil. O arrojo do pensamento, a liberdade no campo das ideias, o flerte incansável com a ruptura de paradigmas e a quebra dos preconceitos estavam sempre presentes como expressões de seu pensamento crítico e vertical. Abrangente e particular.

O português impecável e os erres vibrantes, a capacidade inigualável de armazenar nomes e títulos de memória indefectível, as expressões de linguagem que repetia de tempos em tempos como “correto?” ou “está bem”, mantinham o diálogo constante e revelavam os anos de dedicação à “sala” de aula. A maneira de postar os óculos e ou de corrigir o foco da lente, o hábito de revisor obstinado e as correções de texto, sempre feitas à mão. O uso do bolso lateral para portar o par de óculos. As pausas após as perguntas paradoxais que lançava em meio ao discurso e o tão esperado “pois bem”, que sinalizava o fechamento de uma ideia, mas que muitas vezes era apenas o início de outra, após o término do encontro ou da aula, que raramente acabava na hora. Fragmentos de aspectos tão particulares e que completam o quadro do humano do humanista de Jacó Guinsburg.

Aprendi muitas coisas com o professor e levo comigo os conselhos, as piadas, as lembranças relatadas da época da Casa do Povo ao lado do avô de meu marido, colega das lutas a favor das ideias de Prestes, figura icônica no cenário político de sua juventude. Os comentários entusiasmados dos poetas judeus de Vilnius e da efervescência cultural dos guetos. Das escolhas profissionais que por vezes fazemos e daquelas que são feitas pelo tempo.

Jacó Guinsburg faleceu em 21 de outubro de 2018, aos 97 anos. Mas não morreu. Daremos continuidade àquilo que ele nos deixou de melhor. Mantê-lo presente, sempre, nessa massa ao mesmo tempo nebulosa e carnal, das memórias reconstruídas e das lembranças revividas. Quando perguntado sobre como gostaria de ser lembrado, professor Jacó responde: “Espero que alguma coisa do que eu tenha feito possa ser de utilidade ou dar prazer a alguém, na transitoriedade do tempo<sup>1</sup>”. Com toda certeza, o professor legou muitas coisas para muitos de nós e para aqueles que virão, na transitoriedade do tempo e no tempo da transitoriedade.

Publicado em 06/05/2019

---

1. Entrevista realizada por Marcos Vasques e Rubens da Cunha para a *Revista Osíris* em 23 de janeiro de 2014.